

# EDITORIAL

## **Eu estava aqui o tempo todo e você não me viu: desafios e conquistas da arte indígena contemporânea brasileira.**

A expressão “Eu estava aqui o tempo todo e você não me viu” foi tomada como mote para pensar os desafios e conquistas da arte indígena contemporânea brasileira. Esta proposta, encabeçada pelas pesquisadoras Kassia Borges e Naine Terena, vem em um momento no qual muitos olhares e pensamentos se voltam para a produção artística dos povos originários do Brasil. Os textos reunidos neste Dossiê pretendem contribuir com este movimento que ganha corpo com uma série de publicações em revistas acadêmicas brasileiras. Os subtemas que orientaram as contribuições para o número 2 do Volume 3 (2022) da Revista Estado da Arte foram: (1) Aestesis provocativas; (2) Práticas curatoriais de artistas e curadores indígenas; (3) Proposições de outros modos de produzir arte contemporânea; (4) Poéticas indígenas nos tristes trópicos.

Para as editoras convidadas, “os artistas indígenas, de várias etnias, que resistem e sobrevivem hoje, se apresentam e estão presentes nas grandes galerias, museus e lugares antes colonizados e eurocêntricos, mostrando suas artes potentes e reveladoras.” Um momento que, segundo Borges e Terena, deve ser preciso e assertivo para abrir-se para um novo tempo de descoberta.

“Estamos assim reescrevendo uma outra história brasileira, onde o lugar de fala se faz presente. Essa reescrita suscita discussões e provocações a respeito desse terreno fértil da arte indígena contemporânea”. Partindo da provocação das editoras convidadas, foram reunidos oito artigos, sendo que, aquele que abre o Dossiê, é de autoria da própria Naine Terena.

A autora conceitua, por meio da sigla MEIN, as Manifestações Estéticas Indígenas que caracterizam a diversidade das expressões artístico-culturais dos povos originários do Brasil. Aponta que a edição contribui para a compreendermos em que consiste a obra de arte e o ato criativo no contexto dos povos indígenas e ainda, para refletirmos sobre a dimensão e as perspectivas que o tema vem sendo abordado dentro e fora da Academia.

A referência ao pensamento do artista, curador e ativista Makuxi, Jaider Esbell, é uma constante em grande parte dos textos deste dossiê o que evidencia sua contribuição para a visibilidade do lugar do artista na perspectiva ameríndia. Assim, o Txaísmo (termo cunhado por Esbell) surge nesses artigos no sentido do alargamento do campo da arte brasileira. O artigo dos autores De Paula, Alves, Olivera e Brussolo evoca a produção de Esbell e sua interlocução entre as cosmologias originárias. A possibilidade de reescrita de uma história da arte mais inclusiva orienta a reflexão dos autores acerca do sistema hegemônico da arte.

Idjahure Kadiwel e Lucas Canavarro, também evocam as questões em torno do Txaísmo - termo referente a uma espécie de política de alianças entre povos indígenas, e entre artistas indígenas e não-indígenas - presente em artigos e obras de Esbell. Estendendo a questão a um conjunto de agentes dessa teia, os autores buscam amplificar as suas implicações e contradições éticas.

Também inspirado nas reflexões de Jaider Esbell, o artigo de Daniel Dinato, têm, entre suas palavras-chaves Curadoria e Etnografia. O autor busca formular o conceito de curador-txai a partir de sua própria prática curatorial. Trata-se, para ele, de uma prática que vai além da organização de eventos específicos, tais como exposições, e que visa, sobretudo, cuidar de relações: aquelas vivas nas obras e as que o une aos artistas.

Aspectos definidores da arte indígena e sua relação com a cultura ocidental são tratadas no ensaio do artista e curador Denilson Baniwa. A metáfora do artista-abelha é ponto de partida de Baniwa para a reflexão sobre a capacidade dos artistas indígenas contemporâneos de narrar e de trocar experiências para articular uma nova comunidade de ouvintes: a arte ocidental. A narração é para o autor o mel que cura as feridas e queimaduras coloniais a partir de suas próprias cicatrizes. Assim é o caso de Sibé (Feliciano Lana/Desana) e Meriná (Bernaldina José Pedro/Macuxi), dois anciãos que foram vítimas da política de morte instaurada no país e trabalharam com narração de histórias, desenho, canto e tecelagem. Randra Kevelyn Barbosa Barros analisa as produções desses dois conhecedores dos saberes de suas comunidades, discutindo o quanto esses trabalhos impactam o campo da arte indígena contemporânea (conceito cunhado e difundido por Esbell). Para Barros o fazer das velhas e velhos reafirma a existência milenar e ancestral das produções indígenas.

Laura Castro e Carolina Ferreira da Fonseca refletem sobre as questões em torno do manto tupinambá, dedicando-se à análise de exposições e ações no contexto da Arte Indígena Contemporânea. Para as autoras, as exposições “Um outro céu” (2020) e “Kwá Yepé Turusú Yuriri Assojaba Tupinambá - Essa é a grande volta do manto tupinambá” (2021), ambas em torno do trabalho de Glicéria Tupinambá e na ativação “Ativação Morí’ erenkato eseru’ - Cantos para a vida”, realizada por Daiara Tukano e Jaider Esbell, na exposição “Véxoa: nós sabemos” (2020), se caracterizam como “um conjunto de confrontos éticos-estéticos e políticos ante a autoridade e a naturalização do espúrio e dos saqueamentos coloniais, na expectativa de fazer ressoar as incessantes disputas de narrativas no campo das artes”.

Nos entrelaçamentos conceituais presentes neste dossiê, Sheilla Patrícia Dias de Souza e Tadeu dos Santos Kaingang, apelam à noção de antropofagia reversa, de Denilson Baniwa e outros autores, que segundo eles, remete à crítica da modernidade eurocentrada. Souza e Kaingang propõem uma re-volta, associada ao pensamento decolonial. Re-volta que sinaliza a não aceitação da subalternidade imposta pela colonialidade aos indígenas e também a incorporação de conhecimentos dos povos originários na arte e cultura brasileira.

Fechamos este dossiê com o trabalho artístico de Kássia Borges, artista que se vale de várias linguagens e plataformas para se expressar. Na seção Autorias ela nos apresenta um ensaio com sua produção mais recente em cerâmica. Seus trabalhos transitam entre o bidimensional e o tridimensional na abordagem de temas como o poder e a dor do feminino, assim como a expressão de suas origens.

Voltando ao chamado de Kássia Borges e Naine Terena para a reescrita de uma história brasileira não eurocêntrica, a revista Estado da Arte do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), agradece aos autores e às editoras convidadas pelo conjunto de textos que reuniram. Trata-se de um esforço coletivo que permite à academia compartilhar essa reescrita, acolhendo e difundindo o pensamento e as proposições de uma arte contemporânea diversa, na qual o debate não admite mais a invisibilidade da produção sensível dos povos originários do Brasil.